

Crónica 245. Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada 9.3.19

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada. Por mais que me ofereçam no calendário dia anual em honra destes e doutros, minorias ou não, todos têm um dia a eles dedicado, mas nos restantes 364 são esquecidos, estropiados, discriminados, maltratados.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, enquanto houver juízes e leis que não me protegem, enquanto esta sociedade de pais, filhos, maridos, mulheres tiver a violência como solução

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, e estou consciente de que podia ser pior, se fosse do Líbano, Iraque, Irão, Síria, República Centro-Africana, Sudão (do norte ou do sul), Ucrânia, Afeganistão, Coreia do Norte, Mianmar (Birmânia), Palestina, Saara Ocidental, Índia, Paquistão, Líbia, Crimeia, Somália, Nigéria, e tantos mais. Desde que o homem é homem, o mundo nunca esteve livre de guerras ou conflitos – nem por um segundo. Disputa por território, diferenças étnicas, religiosas, económicas e culturais estão invariavelmente entre as causas. Para não citar os habituais jogos de interesses das grandes (ou pequenas potências) e seu círculo de influências. Para não citar os mercadores de armas, o petróleo, ouro ou outras riquezas que tais países possam possuir.

No século XX assistimos duas guerras mundiais, uma Guerra Fria, e centenas de pequenas guerras localizadas um pouco por todo o mundo dos europeus Balcãs, à Ásia, Américas, Oceânia, passando pela sempre presente África. Depois entramos na era do terrorismo, a nova era da insegurança à margem da qual as liberdades individuais se diluirão e desapareceram em prol da luta contra o terror. Novas guerras civis, novos conflitos de grupos dissidentes e terroristas, jihadistas, Al Qaeda, Boko Haram, muitos criados pelos EUA e NATO para lutarem contra os seus inimigos e que hoje se independentizaram, como Saddam, Bin Laden, e tantos outros cujo fim será a morte como aconteceu com Ghaddafi.

E o preço a pagar para os milhões que não morrem é a fuga, tentando sair como refugiados dessas guerras (eram mais de 66 milhões em 2017), mas fugir para onde se ninguém os quer, muito menos os que causaram as guerras nos locais donde eles fogem. O comércio ilegal de armas, o tráfico de seres humanos, de drogas entretanto floresce á custa destes desgraçados escorraçados de onde quer que se dirijam.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, mas estou grato por poder viver onde vivo, sair à rua sem ser morto ou assaltado como se estivesse no Rio de Janeiro onde já estive e sobrevivi. Posso ir ao café da esquina ou ao restaurante sem ser abatido por um cartel de droga como na Cidade do México, andar livremente sem ser espiado como na China a todos os meus movimentos e sujeito ao reconhecimento facial, sim, lá onde todas as minhas ações me podem impedir de sair livremente do país. Posso guiar livremente sem medo ser abalroado por condutores loucos e bêbedos como na Rússia

(os alcoólicos aqui são menos loucos). Aparte a pedofilia rampante as crianças aqui podem brincar livremente sem serem raptadas para extração de órgãos ou para exploração em lupanares.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, nem quero um dia em minha honra nem em meu nome, quero apenas viver o que me resta com saúde, paz, sossego, carinho e amor. Sei que é pedir muito mais do que um terço da população mundial alguma vez terá...



Para o Diário dos Açores e Diário de Trás-os-Montes

Chrys Chrystello, Jornalista

[MEEA/AJA (Australian Journalists' Association – Membro Honorário Vitalício nº 297713,)
carteira profissional AU3804]